

## RAP COMO LITERATURA ENGAJADA: VOZES NEGRAS, RESISTÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

JÚLIA ASSUMPÇÃO DA SILVA FERRO<sup>1</sup>; NICOLLAS CAYANN; CAMILA QUEVEDO OPPELT<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [julia.silvaferro@yahoo.com](mailto:julia.silvaferro@yahoo.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Maria – [nicollascayann@gmail.com](mailto:nicollascayann@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [camila.quevedo-oppelt@fulbrightmail.org](mailto:camila.quevedo-oppelt@fulbrightmail.org)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no campo dos estudos literários e propõe uma reflexão crítica sobre o RAP como forma de literatura engajada. A literatura, aqui entendida como manifestação simbólica da experiência humana, sempre suscitou debates sobre seus contornos e funções. A discussão acerca do que pode ser considerado literário envolve tanto abordagens estéticas quanto socioculturais, como POULSON (1991), ao destacar a maleabilidade do conceito de literatura. Nesse contexto, a presente pesquisa parte da concepção de que o RAP, ao articular poesia e música em discursos de denúncia, pertence ao campo da produção literária, sobretudo quando analisado à luz de questões de identidade, resistência e pertencimento.

A discussão proposta dialoga criticamente com a obra *O que é Literatura?* de SARTRE (1947), na qual o autor afirma que a prosa é o verdadeiro instrumento de engajamento, enquanto a poesia estaria apartada da ação política direta. No entanto, observa-se que, nas últimas décadas, formas poéticas oriundas das periferias vêm desafiando essa separação, utilizando a linguagem como forma de atuação social. Como destaca JAMESON (2015), no contexto da pós-modernidade e do capitalismo tardio, as produções culturais passaram a refletir de forma mais direta os conflitos sociopolíticos contemporâneos. Assim, o RAP surge como fenômeno literário e político, reconfigurando os limites entre arte, denúncia e intervenção.

A pesquisa tem como objetivo analisar três produções poéticas marcadas por diferentes contextos históricos e geográficos: *Let America Be America Again* (LANGSTON HUGHES, 1936), *Changes* (TUPAC SHAKUR, 1998) e *Negro Drama* (RACIONAIS MCs, 2002). Em comum, essas obras evocam experiências de exclusão racial e social, evidenciando como a palavra poética pode operar como ferramenta de denúncia e construção identitária. O estudo propõe uma leitura comparativa dessas obras, evidenciando os elementos estéticos e políticos que as aproximam, além de observar como suas mensagens se tornam atos de resistência em sociedades marcadas pela desigualdade.

A fundamentação teórica baseia-se, além de SARTRE (1947), na Teoria da Identidade de BONNY NORTON (1997, 2000, 2019), que compreende o uso da linguagem como um ato de investimento simbólico e político em identidades fluídas, atravessadas por relações de poder. Para NORTON (1997), o acesso desigual à linguagem determina oportunidades de fala e formas de reconhecimento social, sendo a construção de identidades uma prática situada historicamente. Assim, ao analisar os textos mencionados sob essa perspectiva, o trabalho busca compreender o RAP como prática discursiva engajada, capaz de ressignificar identidades e disputar espaços simbólicos na sociedade.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa e comparativa, voltada à análise de produções poéticas como instrumentos de resistência social. As obras selecionadas para estudo — *Let America be America Again* (LANGSTON HUGHES, 1936), *Changes* (TUPAC SHAKUR, 1998) e *Negro Drama* (RACIONAIS MC'S, 2002) — foram escolhidas por sua relevância na articulação de discursos sobre identidade, pertencimento e denúncia das desigualdades sociais e raciais em contextos distintos.

A análise dos textos parte do entendimento da literatura como prática social e simbólica, como potencial de engajamento político e construção de comunidades imaginadas. Para isso, mobiliza-se o conceito de *littérature engagée* desenvolvido por SARTRE (1947), compreendendo que a literatura, inclusive a poesia, pode assumir papel ativo na transformação social e nomear e confrontar estruturas opressoras.

Além da perspectiva sartreana, este trabalho fundamenta-se na Teoria da Identidade de NORTON (1997, 2000, 2019), que entende a linguagem como um espaço de investimento em identidades múltiplas e historicamente situadas. As categorias propostas por Norton são aplicadas à análise dos excertos selecionados, permitindo compreender o RAP e a poesia como prática discursiva de agência simbólica, nas quais sujeitos historicamente marginalizados reivindicam voz e reposicionamento social.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionadas e analisadas três obras que articulam discursos de denúncia e resistência em contextos distintos: *Let America Be America Again* (LANGSTON HUGHES, 1936), *Changes* (TUPAC SHAKUR, 1998) e *Negro Drama* (RACIONAIS MCs, 2002). A análise textual dessas produções foi conduzida com base nos pressupostos da literatura engajada, segundo SARTRE (1947), e na Teoria da Identidade proposta por NORTON (1997, 2000, 2019). As três obras demonstram, com distintas estratégias poéticas, como a linguagem se torna instrumento político de contestação e reposicionamento social.

No poema de HUGHES (1936), observou-se a construção de uma identidade coletiva marcada pela exclusão social e racial. A ideia do “sonho americano” é desconstruída com contundência e a voz poética se apresenta como múltiplos sujeitos oprimidos. O poema opera como denúncia da desigualdade estrutural nos Estados Unidos e como reivindicação de um futuro possível, reafirmando a potência transformadora da palavra poética.

Em *Changes*, TUPAC SHAKUR (1998) retoma essa denúncia em uma linguagem rimada, típica do RAP. A canção revela os efeitos da violência racial, da criminalização da juventude negra e das falhas estruturais do Estado. Através da rima e repetição, Tupac transforma sua vivência em narrativa coletiva, apontando para a urgência da mudança social. A música foi lançada de forma póstuma, dois anos após o assassinato do artista em 1996 — ele próprio vítima da violência que denunciava em suas letras. O uso da linguagem aqui é um investimento identitário, como propõe NORTON (1997), pois o artista insere sua experiência pessoal em uma luta maior por reconhecimento e justiça.

Já no RAP brasileiro, a canção *Negro Drama*, dos RACIONAIS MC'S (2002), evidencia as tensões raciais e sociais vividas nas periferias de São Paulo. A análise mostrou que os versos constroem uma denúncia contundente da violência, da

exclusão e do racismo estrutural, ao mesmo tempo que reafirmam uma identidade negra periférica com dignidade e orgulho. Assim como com Tupac e Hughes, os sujeitos líricos se apropriam da linguagem para se fazer ouvir e imaginar novas formas de existência.

O trabalho encontra-se concluído e os resultados obtidos evidenciam que o RAP e a poesia operam sim como práticas discursivas profundamente engajadas. Embora SARTRE (1947) tenha argumentado que apenas a prosa teria potencial de engajamento político direto, as análises das obras de LANGSTON HUGHES (1936), TUPAC SHAKUR (1998) e RACIONAIS MCs (2002) demonstram o contrário: suas produções poéticas mobilizam a linguagem como ferramenta de denúncia, reivindicação e construção identitária. Nesse sentido, o RAP e poemas como o de Hughes reconfiguram os limites entre estética e política, provando que a poesia pode, sim, assumir papel ativo na luta contra desigualdades sociais e raciais.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise realizada confirma que a poesia engajada, presente nas obras de Langston Hughes, Tupac Shakur e Racionais MC's, vai além da arte, funcionando como uma poderosa ferramenta de denúncia, resistência e afirmação identitária diante de sistemas opressores. Desde 1936, quando Hughes escreveu *Let America be America Again*, as vozes marginalizadas têm reiterado a mensagem de que a promessa de liberdade e igualdade ainda é inacessível para grande parte da população negra, pobre e periférica.

Essa persistência no discurso não indica estagnação, mas a urgência de denunciar estruturas opressoras que continuam presentes quase um século após o poema de Hughes. O RAP, como herdeiro da tradição poética oral, atualiza essa voz nas periferias do Brasil e dos Estados Unidos, desafiando lógicas dominantes que buscam silenciar e criminalizar esses sujeitos.

Em um contexto marcado pelo avanço do conservadorismo e pela ameaça a conquistas históricas, a arte engajada mostra-se ainda mais necessária. Exemplos recentes, como as retóricas racistas e xenofóbicas associadas a governos autoritários, revelam como discursos de ódio e políticas excludentes se institucionalizam, atacando diretamente direitos de grupos marginalizados e deslegitimando o pensamento crítico.

Assim, o RAP e a poesia engajada configuram espaços simbólicos de resistência, onde os marginalizados deixam de ser apenas alvos e se tornam protagonistas de suas histórias. Investir na linguagem é apostar em futuros possíveis, em comunidades de pertencimento e em transformações estruturais, reafirmando a literatura engajada como uma força vital contra o apagamento, a injustiça e o retrocesso.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JAMESON, F. **The aesthetics of singularity**. New Left Review, London, II/92, p. 101–132, Mar./Apr. 2015. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/ii92/articles/fredric-jameson-the-aesthetics-of-singularity>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SARTRE, J.-P. **Qu'est-ce que la littérature**. Paris: Gallimard, 1947.

PAULSON, W. **Literature, Complexity, Interdisciplinarity**. In: HAYLES, K. (Ed.) **Chaos and Order: Complex Dynamics in Literature and Science**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

NORTON, B. **Language, identity, and the ownership of English**. TESOL Quarterly, v. 31, n. 3, p. 409-429, 1997.

NORTON, B. **Identity and language learning: Gender, ethnicity and educational change**. Editorial Dunken, 2000.

NORTON, B. **Identity and language learning: A 2019 retrospective account**. Canadian Modern Language Review, v. 75, n. 4, p. 299–307, 2019.

HUGHES, L. **Let America be America Again**. Esquire Magazine, v. 1, n. 32, p. 92, 1 jul. 1936. Disponível em: <https://encr.pw/K3tog>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SHAKUR, T. **Changes**. Interscope Records, 24 nov. 1998. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Gkl9Q>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PEREIRA, P. P. S.; ALVES, E. P. **Negro Drama**. Cosa Nostra Fonográfica, 27 out. 2002. Disponível em: <https://encurtador.com.br/DL1pp>. Acesso em: 31 mar. 2025.